

arquitectos debateram na Cinemateca Portuguesa, em Lisboa, *O lugar dos ricos e dos pobres no cinema e na arquitectura em Portugal*. Era este o título do ciclo lançado pelo Núcleo de Cinema da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, que, com coordenação do arquitecto José Neves, promoveu na sala da Rua Barata Salgueiro vários frente-a-frente com figuras fundamentais daquelas duas disciplinas. Entre *Os Verdes Anos* (1963), comentado pelo seu realizador, Paulo Rocha, e *Juventude em Marcha* (2006), que colocou Manuel Graça Dias a falar com Pedro Costa; entre *O Passado e o Presente* (1972), que Manoel de Oliveira – doutor *honoris causa* pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto – comentou sozinho; ou *Recordações da Casa Amarela* (1989), de João César Monteiro, que concitou os testemunhos de Margarida Gil, Manuel de Freitas, Joaquim Pinto e João Pedro Bénard da Costa, o ciclo deu lugar a uma plêiade de intervenções que lançaram olhares diversos sobre o último meio século do cinema português e, através dele, a arquitectura que lhe serviu de cenário. Cenários sempre povoados de gente: ricos e pobres, integrados e excluídos, burgueses e loucos...

Os textos decorrentes das referidas intervenções vão agora ser tornados públicos em fascículos mensais, primeiro, em versão *on-line*, a partir do dia 7 de Novembro (<http://dafne.com.pt/>), depois também em livro, igualmente coordenado por José Neves, a sair em Maio de 2014, com a chancela desta editora portuense e o apoio da Direcção-Geral das Artes e da Cinemateca. S.C.A.

Os ricos e os pobres no cinema e na arquitectura

Entre Outubro de 2007 e Março de 2008, vários realizadores e



Os Verdes Anos, de Paulo Rocha, e a Lisboa das Avenidas Novas: um caso exemplar da relação entre o cinema português e a arquitectura